

11º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2012

Relato Real:

SÁBADOS COM TARDES LITERÁRIAS

Autora: Clara Etiene Lima de Souza
Cruzeiro Novo – D.F.

Depois das primeiras tardes de leituras compartilhadas, sua vida inteira seria reinventada. Essa é a história de como as histórias lidas e compartilhadas iluminaram o presente da alegre e humilde Hozana da Paz Santos, e como um grupo de leitores se descobriu imerso no mundo literário.

Hozana da Paz Santos é uma mulher que carrega em seu nome chamamentos angelicais e em sua cabeça a memória de uma vida difícil. Eu a conheci quando estava divulgando na comunidade de Ceilândia, periferia de Brasília, a idéia da criação de um grupo de leitura e produção de textos literários. Ela soube da iniciativa e me procurou, foi a primeira participante a se integrar à ideia dos encontros aos sábados à tarde.

Quando nos conhecemos, Hozana me disse que queria escrever, mas que tinha muita dificuldade porque só fora alfabetizada na Educação de Jovens e Adultos após os trinta anos de idade, e que, por isso, escrevia muito mal, mas gostaria muito de escrever sua história. Quando a indaguei sobre seus hábitos de leitura, entretanto, ela não precisou disfarçar e assumiu que ler não era com ela, que achava os livros chatos e que já havia tentado gostar, mas que as letras, as palavras, as histórias se embolavam na sua cabeça e ela não conseguia encontrar o prumo da leitura.

Outros interessados foram se aproximando do grupo e nos primeiros encontros eram preparadas rodas de leitura onde os participantes podiam ler textos previamente selecionados, além de compartilharem uma leitura indicada por mim para as atividades de cada *Tarde Literária*. Foi assim que chamei os encontros ao longo do seu primeiro ano de funcionamento. A cada *Tarde Literária* chegavam novas pessoas. Alguns chegavam e permaneciam, outros vinham e nunca mais apareciam. Havia também aqueles que vinham de tempos em tempos. E foi assim, ao sabor da liberdade, que As Tardes Literárias seguiram ao longo dos anos de 2010 e 2011.

Líamos poemas, histórias infantis, contos, crônicas, fábulas. Adultos e jovens reunidos podiam, durante as tardes de sábado socializar suas leituras falar de suas expectativas, sonhos e revoltas. A leitura de textos literários abria janelas para novos horizontes.

Com um público bastante heterogêneo, as *Tardes Literárias* reuniam pessoas de perfis sociais e profissionais bastante distintos. O cobrador de ônibus, a massagista, a diarista, a professora, a doutoranda, o ator, a aposentada, além dos amigos convidados que visitavam o grupo esporadicamente. Todos podiam ter voz e todos ouviam.

A diversidade e a liberdade com a qual os encontros aconteciam permitiram com que eu aprendesse muito sobre a necessidade de pertencimento a uma comunidade inserida em um contexto de letramento literário. Percebi a carência de atenção que cada leitor guardava sobre a própria leitura. Todos queriam contar suas leituras. As pessoas, independente de profissão ou classe social, carregam suas experiências e estão prenhas de

emoções que precisam ser despertadas e partilhadas sem barreiras ou preconceitos.

Acompanhei de perto o desenvolvimento da Hozana como leitora. Comecei testando seu gosto literário, indicando livros muito curtos de temáticas diversas. E rapidamente ela passou a escolher sozinha os livros que gostaria de ler, tornou-se uma leitora emancipada em menos de seis meses.

Passei a organizar os encontros pensando em cada um daqueles leitores. Algumas vezes preparei atividades para explicar de forma simples elementos poéticos importantes para a compreensão do texto literário. E esses suportes teóricos fluíram como uma leve conversa. Foi possível conversar sobre metáfora, polissemia, rima, narrativa, discurso e até sintaxe. E ao que parece, ninguém sofreu e se quer percebeu que se embrenhava no mundo da linguagem poética.

Algumas vezes produzíamos pequenos textos, outras vezes levávamos para nossas casas os desafios de escrever durante a semana. Eu também passei a ser cobrada pelo grupo. Além de organizar minimamente a dinâmica dos encontros eu também passei a exercitar a minha produção literária, tão frágil e tímida.

As pessoas demonstravam dificuldade para enfrentar o papel em branco. Então, fizemos produções coletivas, produzimos micro contos, escrevemos versos. Mas com a Hozana era diferente, ela, além de escrever os textos propostos, se debruçava sobre o seu romance, o romance de sua história e, a cada encontro, ela me mostrava como a história estava evoluindo.

Eu fui acompanhando e ajudando nas dificuldades com a escrita.

Aos poucos as leituras foram ficando mais ricas. Surgiam análises, comparações, paráfrases e a produção de alguns textos autorais. A leitura de um conto em particular merece destaque na nossa trajetória como grupo. Um dia em casa procurando um texto com viés político mais aguçado, cheguei aos contos da Lygia Fagundes Telles, e não tive dúvida, levei para o grupo o conto “Seminários dos Ratos”.

Trabalhamos a leitura do conto ao longo de umas três ou quatro semanas e, àquela altura, também já estávamos em busca de um nome para o grupo. Quando concluímos a leitura do conto, discutimos sobre as possibilidades de nomes para o grupo e decidimos que o título do conto da Lygia nos identificaria muito bem, assim decidimos nos identificar por: “Seminário dos ratos”.

Para 2012, então, planejamos abrir o *Seminário dos Ratos* com a distribuição para a comunidade de uma publicação que nos apresente como grupo, será uma espécie de informativo poético, uma publicação meio amadora mesmo, mas que já está em vias de editoração e impressão.

Curiosamente, o que eu não planejava para 2012, era encontrar a Hozana com seu romance finalizado. Eu havia feito revisões ao longo de 2011 em alguns capítulos, mas não esperava encontrá-la de volta com os capítulos já digitados. Eu não havia contado, mas a Hozana é diarista, negra, mora sozinha de aluguel em um quarto e sala na Ceilândia e leva a vida fazendo faxinas. De uns tempos para cá, lê todas as noites e segue redigindo histórias. Fiquei tão alegremente surpresa quando ela me mostrou na semana passada os capítulos digitados, que eu precisava contar essa história para alguém.

Relato Ficcional:

... ENTÃO EU EXISTIA

Autora: Ivane Laurete Perotti Mac Knight

São João Del Rei – M.G

Os sons da casa acordando chegavam até mim com a nitidez das ações que os provocavam. Eu sabia quem acordava bem, quem não queria acordar, quem amassava o colchão de palhas, quem resmungava entredentes na segunda chamada. Éramos três irmãos, além de mim, se é que eu poderia ser contado como um membro da família. A casa era pequena e muito fria. O vento entrava pelos espaços mal cobertos pela madeira escassa. Atravessando o velho telhado eu ouvia um mundo se abrindo em todas as direções que cabiam dentro de minha imaginação escurecida pela falta de imagens.

Morávamos em um lugar que eu nunca vira, mas sabia ser frio, muito frio e distante de outros lugares. Quando eu era levado para fora pelo meu irmão mais velho, sentia vontade de me fundir ao vento e ir com ele, solto, livre, leve, sem o corpo que nascera imóvel e sem luz. Mas eu ouvia bem, muito mais do que qualquer um de minha casa. Ouvia as reclamações de meu pai sobre o tempo que gastavam para cuidar de mim, o soluço sufocado de minha mãe que nada dizia e a voz de meu irmão menor falando enquanto corria. Era ele que eu esperava junto com o vento frio. Era dele que vinha aquela vontade de erguer a cabeça para mostrar minha felicidade, meu contentamento que explodia em um som feio e rouco. Meu irmão não reclamava, sabia que eu estava rindo pela felicidade que se aproximava. Ele ria junto até me dizer que tinha mais tempo para ficar comigo, pois adiantara todas as tarefas de casa e da escola. Ah! A escola, palavra mágica que fazia percorrer um raio de satisfação por dentro de meu corpo inerte. Eu sabia tudo sobre a escola, sobre a professora, sobre os colegas de meu irmão, sobre o que aprendiam, e eu aprendia depois. Eu aprendia. Meu irmão sabia que eu queria mais, então trazia tudo para mim. Eu sentia que ele vibrava contando as lições e repassando os pontos que imaginava eu pudesse ficar dúvidas tantas vezes quanto pensava ser necessário. Muitas foram as interrupções que fiz com um grunhido mais ou menos rouco para ele continuar. E ele continuava até chegar ao que eu esperava quase sem respirar. Meu irmão lia para mim. Ele lia o mesmo livro, o único que tínhamos em casa, há muito tempo. Eu conhecia cada som que vinha das palavras que entravam em mim e faziam o mundo explodir e se movimentar. Todas as repetições eram novas, eram esperadas como o único momento de minha vida que valia ouvir tão bem.

Eu ouvia, mergulhado na voz de meu irmão e no mundo que nascia como que por encantamento. Eu via cores sem nome, coisas que não veria, corria junto com as minhas pernas enrijecidas, agitava os braços para acompanhar todo aquele mundo de pessoas que sabiam fazer coisas diferentes, mas tão conhecidas. E eu pensava ser possível viver apenas dentro daqueles momentos, quando tudo adquiria vida e se movia sem pedir ajuda.

Meu irmão lia para mim e eu existia. Então eu existia. Eu nascera para aqueles momentos e os esperava com ânsia faminta e descontrolada. Eu era feliz dentro daquelas ondas de palavras que me levavam junto. Elas entravam por todos os orifícios de meu corpo e caminhavam donas de mim, donas de meu mundo, donas de meus olhos apagados, senhoras de minha alma e de meu destino. Meu destino era ir sem reclamar, era soltar-me sobre o corpo da

primeira que chegava e desejar que eternidade fosse feita só de palavras, palavras vivas e quentes.

Quando chegava a hora de eu voltar para o meu quarto, para a cama que prenderia meu corpo mais uma vez, as palavras escondiam-se em minha cabeça torta e por trás de meus olhos secos eu as percebia procurando lugares para passarem a noite. Eu queria sempre, sempre continuar a ouvir a leitura que meu irmão fazia. Mas ele era necessário em outros lugares, com tarefas que exigiam suas mãos e suas pernas fortes. Ele tinha dez anos, e eu lembrava a hora exata em que o ouvira chegando à minha vida e mudando a escuridão de lugar.

As palavras que dormiam comigo beliscavam minhas pálpebras exigindo que eu ficasse o máximo detempo acordado. Nessas horas, sem que ninguém da casa percebesse, meu irmãozinho pulava para a minha cama e lia, lia, lia até sua boca secar. Eu amava meu irmão e ficava quieto ouvindo sua respiração cheia de sono de criança. Quando isso acontecia, pela manhã, ele era o primeiro a acordar e me prometer ler mais assim que voltasse da escola.

Então eu esperava para existir naquela festa de sons expulsos pela boca de meu irmão. Eu esperava para existir junto com ele, naquela hora em que a vida assumia as formas que eu imaginava e tocava sem medo e sem dor.

Em uma manhã que parecia carregada por sons mais pesados e úmidos, eu ouvi meu pai dizer que todos teriam que trabalhar mais e melhor se desejassem ter onde morar. E ouvi meu irmão menor dizendo que levantaria mais cedo para fazer a sua parte, pois queria continuar lendo para mim depois da escola.

- Lendo? Lendo o quê, se nessa casa não existe livro nem para remédio?

- Eu leio para ele "*Memórias de um cabo de vassoura*", de Orígenes Lessa.

- Eu nunca vi esse livro por aqui.

- Eu leio na escola, todos os dias e deixo as páginas dentro de minha cabeça para trazer para ele.

Então eu existi duas vezes, três vezes... descobri a eternidade cheia de palavras quentes.

Relato Ficcional:

O MENDIGO DAS MIL E UMA NOITES

Autor: André Telucazu Kondo

Caraguatatuba – São Paulo

Chokri andava pelas ruas de Benares, carregando um surrado livro sem capa. Toda manhã, repousava as páginas amareladas sobre os ghats da Índia e descia seus degraus até o sagrado Ganges. Sua matutina viagem espiritual lhe dava forças para prosseguir em sua terrena missão. Chokri era semeador de sonhos.

Após purificar-se nas lágrimas do Himalaia, Chokri partia para a sua jornada pelas ruas da cidade, chamada de Varanasi pelos atuais habitantes, mas, para ele, eternamente Benares. Não se lembrava de quanto tempo vagava pelos becos e templos da cidade. Porém, lembrava-se de um sábio vindo da fronteira do Nepal, nascido nos jardins de Lumbini e que viera falar sobre a roda da vida em Sarnath. Naquela época, as pessoas acreditavam em estórias e em si mesmas.

Outrora considerado sábio também pela sociedade, Chokri agora via-se reduzido a um mendigo qualquer. Todavia, nas castas que carregavam os corpos para as piras funerárias, ainda era alguém digno de ser escutado. Os que com a morte andavam, evitados pelos vivos, intocáveis em casta, ainda sonhavam. Ponte entre dois mundos, o da carne que se torna cinza e o da alma que queima e se eleva ao ar. No fim, apenas um chiado, de brasas lançadas n'água. E o começo de mais uma estória...

– Conte-nos mais uma – pedia o homem enegrecido pelas cinzas humanas.

Chokri abria o livro sem capa, a esmo. Sorria um sorriso quase de gente e começava a contar.

A leitura do livro era seguida religiosamente, por dezenas de homens, mulheres e crianças. Diferente da roda da vida que eram forçados a girar, a roda de leitura não era uma prisão. Era liberdade, mesmo que apenas momentânea... e ilusória.

As estórias de Chokri eram bálsamo na vida daquelas pessoas, que se identificavam com os heróis, das castas mais baixas, que se elevavam ao nível dos puros. Transmigração de almas, das páginas dos livros para as carnes dos pobres, que queimavam corpos em funerais alheios.

O poder de um livro...

Em uma roda de analfabetos, quem sabia ler era muito mais do que um sábio. Era rei. E assim, todo fim de tarde, quando o grande círculo solar banhava-se nas águas do Ganges, trazendo o chiado da noite, Chokri sentava-se em seu trono de reino de fantasia. Estórias, apenas? Mentiras, somente? Para quem vive uma realidade brutal, mentiras travestidas de sonhos não fazem mal. Prosseguia-se a leitura do livro.

Porém, certa noite, as estórias tornar-se-iam demasiadamente reais e... brutais. Um velho sadhu, vindo de Agra, surgiu entre os intocáveis de Benares. Curioso ao ver um mendigo receber tanta deferência, aproximou-se da roda de leitura. Que livro estaria lendo o mendigo? A tão popular Bhagavad Gita? Outro texto sagrado? O sadhu, um velho santo que renunciara à vida de bramane para viver entre os miseráveis, observou, com espanto, que os textos nada mais eram do que profanas contações de estórias, cujos heróis eram impuros e desmerecedores de qualquer atenção. Ofendeu-se.

Aproximando-se do contador de estórias, observou sobre os ombros o que estava sendo lido. Espantou-se mais ainda, ao descobrir que as palavras que saíam da boca do mendigo nada tinham a ver com as palavras impressas no velho livro. Irritado ainda mais com a mentira do mendigo, que pretendia saber ler e, por isso, se sobrepunha a todos os outros miseráveis, denunciou-o imediatamente:

– Tolos! Perdem o seu tempo com estórias vazias, lidas por uma mente ainda mais vazia! Este homem, assim como todos vocês, não sabe ler!

A turba iletrada observou Chokri com espanto. Chokri voltara a ser apenas mais um mendigo qualquer. Um analfabeto como qualquer um deles. Não, não como um deles, pois, apesar de miseráveis, ninguém ali se aproveitava da miséria alheia. Chokri era um mentiroso, que os enganara com sonhos vazios, que lhes roubara a esperança. Se nenhuma daquelas estórias que contara estava registrada naquele livro, não eram dignas de serem contadas. Apenas os livros guardam a sabedoria, a cabeça de um homem

guarda apenas vaidade. Vaidade que transformou Chokri em um mentiroso e que se voltaria contra ele naquela noite.

O mendigo não viu o povo se aproximar, com paus e pedras. Quase cego, não podia ver mais do que tristes vultos. Lançado ao rio, Chokri desceu em direção ao oceano, enquanto o seu livro queimava na inquisidora fogueira das almas.

Porém, antes de sumir na correnteza, um pedaço de papel fugiu de suas vestes. Era a capa do seu livro de estórias. Ali estava escrito o nome do autor. Um tal de Chokri...

Se o mendigo morreu, ninguém sabe. Só se sabe que virou estória, lida em uma roda de leitura, em um país bem distante.